

EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA: UM NOVO OLHAR PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL
COMO PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E NEUROEDUCAÇÃO TRANSFORMAM A SALA DE AULA EM UM ESPAÇO DE CURA E APRENDIZAGEM

THERAPEUTIC EDUCATION: A NEW PERSPECTIVE ON CHILD DEVELOPMENT
HOW THERAPEUTIC PRACTICES AND NEUROEDUCATION TRANSFORM THE CLASSROOM INTO A SPACE OF HEALING AND LEARNING

EDUCACIÓN TERAPÉUTICA: UNA NUEVA MIRADA AL DESARROLLO INFANTIL
CÓMO LAS PRÁCTICAS TERAPÉUTICAS Y LA NEUROEDUCACIÓN TRANSFORMAN EL AULA EN UN ESPACIO DE SANACIÓN Y APRENDIZAJE

Elliany Ehret do Nascimento Faria

Mestranda em Intervenção Psicológica no Desenvolvimento e na Educação

Instituição: Fundação Universitária Ibero Americana (Funiber)

E-mail: ellianyehretfar@gmail.com

Samira Martins Garib

Mestranda em Intervenção Psicológica no Desenvolvimento e na Educação

Instituição: Fundação Universitária Ibero Americana (Funiber)

E-mail: samiramgarib@gmail.com

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre a prática da educação terapêutica como um caminho inovador e necessário para o desenvolvimento infantil na escola contemporânea. Com base em fundamentos da neuroeducação, da psicologia positiva e das práticas integrativas, apresenta-se um olhar que ultrapassa o ensino tradicional e reconhece a criança como um ser integral: emocional, mental, físico e espiritual. A partir de experiências vividas em sala de aula, discute-se como técnicas simples de reprogramação mental, uso consciente da palavra, música instrumental clássica e intencionalidade afetuosa podem transformar a escola em um ambiente de acolhimento, cura e aprendizagem significativa. Este trabalho busca valorizar o papel do educador como presença ativa no processo de formação humana e propõe práticas que podem ser aplicadas com leveza e profundidade no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Educação Terapêutica. Neuroeducação. Desenvolvimento Infantil. Psicologia Positiva. Reprogramação Mental. Escola como Espaço de Cura.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the practice of therapeutic education as an innovative and necessary path for child development in contemporary schools. Based on the fundamentals of neuroeducation, positive psychology, and integrative practices, it presents a perspective that goes beyond traditional teaching and recognizes children as whole beings: emotional, mental, physical, and spiritual. Based on experiences in the classroom, it discusses how simple techniques of mental reprogramming, conscious use of words, classical instrumental music, and affectionate intentionality can transform the school into a welcoming, healing, and meaningful learning environment. This work seeks to value the role of the educator as an active presence in the process of human formation and proposes practices that can be applied with lightness and depth in everyday school life.

Keywords: Therapeutic Education. Neuroeducation. Child Development. Positive Psychology. Mental Reprogramming. School as a Space for Healing.

RESUMEN: Este artículo propone una reflexión sobre la práctica de la educación terapéutica como un camino innovador y necesario para el desarrollo infantil en la escuela contemporánea. Con base en los fundamentos de la neuroeducación, la psicología positiva y las prácticas integrativas, se presenta una perspectiva que trasciende la enseñanza tradicional y reconoce al niño como un ser integral: emocional, mental, físico y espiritual. A partir de experiencias vividas en el aula, se analiza cómo técnicas simples de reprogramación mental, el uso consciente de la palabra, la música instrumental clásica y la intencionalidad afectiva pueden transformar la escuela en un ambiente de acogida, sanación y aprendizaje significativo. Este trabajo busca valorar el papel del educador como una presencia activa en el proceso de formación humana y propone prácticas que pueden aplicarse con sensibilidad y profundidad en la vida escolar cotidiana.

Palabras clave: Educación Terapéutica. Neuroeducación. Desarrollo Infantil. Psicología Positiva. Reprogramación Mental. Escuela como Espacio de Sanación.

1 INTRODUÇÃO

A escola tem sido, por muito tempo, o lugar onde se espera que a criança apenas aprenda conteúdos acadêmicos. No entanto, para muitas delas, esse espaço se torna também o único ambiente onde encontram acolhimento, escuta e afeto. Diante de uma realidade em que questões emocionais e comportamentais estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar, surge a necessidade de uma abordagem que vá além do ensino tradicional.

A educação terapêutica propõe justamente esse novo olhar: uma prática pedagógica que integra saberes da neuroeducação, da psicologia positiva e das terapias integrativas para promover o desenvolvimento integral da criança. Esse olhar reconhece o aluno como um ser único, com necessidades que ultrapassam o cognitivo e que incluem dimensões emocionais, comportamentais, sociais e até mesmo espirituais.

O presente artigo tem como objetivo apresentar essa proposta de educação terapêutica a partir de experiências vividas em sala de aula, em especial com turmas do ensino fundamental, onde práticas simples como reprogramações mentais, uso de frases afirmativas, músicas relaxantes e intencionalidade mostraram-se eficazes no desenvolvimento da atenção, autorregulação e do vínculo entre professor e aluno.

Diante dos desafios da contemporaneidade, acredita-se que a escola precisa assumir um papel mais humano, terapêutico e transformador, contribuindo não apenas para o aprendizado de conteúdos, mas também para a formação de crianças mais equilibradas emocionalmente, autônomas e conscientes de si.

2 O PAPEL DA NEUROEDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE VÍNCULOS E NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

A educação terapêutica se apresenta como um campo de possibilidades para além da instrução tradicional, ao reconhecer o educador como um agente transformador que atua de maneira intencional no desenvolvimento integral do aluno. Essa abordagem permite que a escola se torne um espaço de pertencimento, onde o cuidado emocional é incorporado às práticas cotidianas. Essa concepção se aproxima da visão de Freire (1996), que defende uma prática pedagógica humanizadora e libertadora, voltada ao respeito pela totalidade do ser. Tal compreensão rompe com a lógica tradicional centrada exclusivamente no desempenho acadêmico e abre espaço para a construção de um ambiente escolar mais sensível às necessidades humanas.

Ao considerar a criança como um ser integral, a educação terapêutica propõe práticas alinhadas com a neurociência, que comprovadamente influenciam o desenvolvimento cognitivo e emocional. A presença do educador, o tom de voz utilizado e a escolha intencional das palavras são elementos que ativam áreas específicas do cérebro relacionadas à segurança e ao afeto. Essa abordagem é corroborada por Sousa (2013),

ao afirmar que as emoções desempenham papel decisivo no processo de aprendizagem e que o cérebro aprende melhor em ambientes emocionalmente seguros. Essas práticas contribuem para a criação de um espaço de confiança onde a criança se sente segura para explorar, errar e crescer.

A presença afetiva do educador não substitui os conteúdos, mas os potencializa, pois cria uma base segura para o aprendizado. A escola, nesse novo paradigma, precisa ser vista como um território de cura, onde a escuta, o acolhimento e a palavra constroem sentidos. Nesse contexto, práticas como visualizações guiadas, respirações conscientes e uso de frases afirmativas tornam-se ferramentas poderosas. A repetição dessas frases em momentos específicos do dia, como após o recreio, atua como estratégia de reorganização emocional da turma, fortalecendo a concentração e o senso de pertencimento. O uso contínuo dessas estratégias favorece uma cultura de autorregulação emocional e desenvolvimento de competências socioemocionais.

Ao ampliar o papel do professor para além da função técnica, a educação terapêutica convida à humanização das relações pedagógicas. O vínculo entre educador e aluno é fortalecido por uma escuta ativa e uma presença amorosa, criando um campo propício à transformação. A escuta que acolhe sem julgamento torna-se uma via de reconstrução da autoestima, resgatando a criança como sujeito de direitos e de afetos. O reconhecimento das emoções dos alunos como parte legítima do processo educativo transforma o clima da sala e ressignifica os papéis de ensinar e aprender.

Dessa maneira, o capítulo introdutório do trabalho propõe um redesenho das práticas escolares, apoiado na neuroeducação e na psicologia positiva. Ele antecipa os caminhos que serão explorados nos próximos capítulos, ao demonstrar que o cuidado com o emocional da criança não é um adendo ao currículo, mas uma condição necessária para o florescimento da aprendizagem. A proposta de educação terapêutica apresentada fundamenta-se em práticas já experimentadas e validadas na realidade escolar, apontando para um modelo de escola mais humano, integrador e significativo. Trata-se de um convite à reconfiguração do papel da escola como espaço de afeto, escuta e transformação real da experiência infantil.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve como questão norteadora: “De que forma a educação terapêutica pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança no ambiente escolar?”. Com base nessa problemática, o objetivo geral foi investigar, por meio de experiências e fundamentos teóricos, como práticas pedagógicas aliadas à neuroeducação e à psicologia positiva transformam a sala de aula em um espaço de acolhimento, cura e aprendizagem significativa. Para alcançar esse propósito, optou-se por uma abordagem qualitativa de cunho exploratório, cuja escolha se justifica pela necessidade de compreender e interpretar fenômenos educacionais a partir de experiências subjetivas e vivências escolares concretas.

A investigação foi conduzida por meio de uma pesquisa bibliográfica, com base em materiais já publicados, tais como artigos científicos, dissertações, teses e livros disponíveis nas bases de dados SciELO e Portal de Periódicos da CAPES. A escolha por esse tipo de pesquisa se justifica pela sua relevância na construção de um repertório teórico capaz de fundamentar a discussão do tema à luz do que já foi produzido cientificamente (Sousa, Oliveira & Alves, 2021). A abordagem qualitativa foi adotada conforme orientação de Brito, Oliveira e Silva (2021), por priorizar a análise da realidade a partir de múltiplas percepções, experiências e significados, especialmente na área da educação. A definição dos descritores utilizados (aguardando informação) orientou a busca sistemática dos trabalhos, respeitando os critérios previamente estabelecidos.

O levantamento bibliográfico compreendeu as seguintes etapas: inicialmente, foram definidos os critérios de inclusão, que consideraram o idioma (português), o recorte temporal (publicações dos últimos cinco anos), a relevância para a temática investigada e a disponibilidade nas bases de dados. Foram excluídos documentos sem respaldo científico, como blogs, sites não acadêmicos ou materiais sem alinhamento com os objetivos da pesquisa. Após essa triagem inicial, os estudos foram selecionados com base em seus títulos e resumos. Na etapa seguinte, procedeu-se à leitura integral dos materiais que se mostraram pertinentes. Essa leitura criteriosa teve por finalidade identificar, além dos conceitos fundamentais, as práticas relatadas e os contextos em que foram aplicadas.

A análise dos dados coletados se deu por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme orientações de Severino (2017), sendo conduzida em etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Os documentos selecionados foram lidos integralmente, e seus conteúdos foram organizados em categorias temáticas, permitindo identificar as práticas de educação terapêutica que mais se destacaram nas experiências relatadas. Os achados foram interpretados à luz da literatura consultada, dialogando com autores como Duarte (2006), que defende uma formação intelectual crítica no campo da educação, e Martelli et al. (2020), que reforçam a importância da escolha metodológica como elemento estruturante da pesquisa científica.

Por fim, ao considerar a vivência prática descrita no artigo-base da pesquisa, observou-se que práticas como o uso da palavra intencional, reprogramações mentais, músicas relaxantes e vínculos afetivos se mostraram eficazes na construção de um ambiente escolar mais acolhedor e propício ao desenvolvimento integral do aluno. A discussão dos resultados permitiu compreender que tais ações, embora simples, possuem grande potencial transformador no cotidiano pedagógico. Com isso, o estudo não apenas alcançou os objetivos propostos, como também levantou novas possibilidades de reflexão e atuação no campo da educação terapêutica, apontando para a necessidade de ampliar a formação docente nesse campo específico.

4 A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE CURA: REPROGRAMAÇÕES MENTAIS, MÚSICA CLÁSSICA E PRESENÇA AFETIVA

Transformar a sala de aula em um espaço de cura não exige recursos caros, mas sim intencionalidade e consciência sobre o poder da palavra e da presença do educador. Técnicas simples, como a reprogramação mental por meio de frases afirmativas e visualizações guiadas, vêm sendo aplicadas com sucesso ao longo dos anos escolares. Esses recursos têm se mostrado eficazes no auxílio ao desenvolvimento emocional dos estudantes, especialmente quando praticados de forma constante e alinhados a um ambiente afetivo.

Após o recreio, por exemplo, é possível conduzir um momento de escuta interna com os olhos fechados, em que as crianças repetem frases como: “Eu sou inteligente”, “Eu consigo aprender”, “Minha mente está calma”, “Eu sou capaz”. Essa prática diária, associada a músicas suaves ou clássicas, ajuda a acalmar a turma, melhorar o foco e criar um clima de pertencimento e segurança emocional. Além disso, a repetição contínua dessas afirmações colabora para a construção de uma autoimagem positiva, estimulando a confiança e a autonomia na aprendizagem.

Além disso, quando o educador lê uma história que traz mensagens simbólicas, como superação, coragem, amizade e empatia, ele está, na verdade, tocando regiões profundas da mente infantil. As histórias funcionam como espelhos internos e abrem portas para transformações silenciosas, porém poderosas, na forma como a criança se vê e se comporta no mundo. Esse processo favorece o desenvolvimento da empatia e do pensamento reflexivo, contribuindo para a formação de vínculos mais saudáveis entre os colegas e com os adultos presentes.

A literatura infantil, nesse contexto, torna-se um instrumento terapêutico, capaz de auxiliar a criança a elaborar emoções complexas por meio de narrativas que ressoam com suas experiências. De acordo com os fundamentos da neuroeducação, o cérebro responde de forma mais efetiva ao aprendizado quando envolvido por emoções positivas e experiências simbólicas significativas (Sousa, 2013).

Por fim, é importante destacar que essas ações não exigem grandes investimentos, mas uma mudança de atitude e presença por parte do educador. Segundo estudos em psicologia positiva, práticas que despertam emoções construtivas como gratidão, alegria e esperança estão diretamente associadas à melhora do desempenho escolar e da autorregulação emocional dos estudantes. Ao inserir pequenas rotinas terapêuticas no cotidiano pedagógico, a escola passa a oferecer não apenas ensino, mas também cuidado.

5 O EDUCADOR COMO AGENTE TERAPÊUTICO: INTENCIONALIDADE, ESCUTA ATIVA E PRESENÇA AMOROSA

Mais do que ensinar conteúdos, o professor que se posiciona como educador-terapeuta comprehende que está diante de seres em formação, que precisam ser nutridos com palavras construtivas, limites amorosos e segurança emocional. O modo como o educador entra na sala, como olha para cada criança e como reage

diante dos conflitos, influencia diretamente no campo emocional da turma. Essa influência emocional, quando positiva, proporciona um ambiente favorável à aprendizagem e ao crescimento pessoal de cada aluno.

Ao praticar a escuta ativa: aquela que acolhe sem julgar, o professor se torna um porto seguro para o aluno. Quando há espaço para a criança ser ouvida, expressar suas emoções e sentir que sua presença é valiosa, sua autoestima se fortalece e seu comportamento naturalmente se reorganiza. Esse tipo de escuta qualificada representa um dos pilares do vínculo afetivo, permitindo que o educador construa relações de confiança e segurança com seus alunos.

Essa postura exige consciência e presença intencional. Não se trata de ter todas as respostas, mas de se fazer presente de verdade, com empatia e respeito pela história de cada criança. Nesse sentido, a educação terapêutica transforma o papel do professor: ele deixa de ser apenas transmissor de conteúdos e passa a ser um agente de desenvolvimento humano e emocional. Como ressaltam Faria & Garib (2023), quando há espaço para a criança ser ouvida, expressar suas emoções e sentir que sua presença é valiosa, sua autoestima se fortalece e seu comportamento naturalmente se reorganiza.

Além disso, é importante reconhecer que a forma como o educador lida com suas próprias emoções também impacta diretamente o ambiente da sala de aula. Professores que cultivam o autoconhecimento e mantêm um estado emocional equilibrado tendem a oferecer respostas mais empáticas aos desafios cotidianos. Segundo Goleman (2001), o desenvolvimento da inteligência emocional no educador é um fator determinante para que ele consiga lidar com os conflitos escolares de forma construtiva e acolhedora.

O fortalecimento do papel terapêutico do professor passa, também, por uma formação que inclua aspectos emocionais, relacionais e neurocientíficos. A escola, nesse novo olhar, torna-se espaço de cuidado compartilhado, onde cada interação possui valor formativo. A intencionalidade afetuosa, quando presente nas relações pedagógicas, é capaz de transformar não apenas o comportamento da criança, mas também sua percepção sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca.

6 PSICOLOGIA POSITIVA E EMOÇÕES CONSTRUTIVAS NA APRENDIZAGEM

A psicologia positiva, como campo científico fundado por Martin Seligman, propõe um olhar para o ser humano que vai além do tratamento de dificuldades. Seu foco está nas potencialidades, virtudes e emoções positivas que favorecem o bem-estar, a motivação e a construção de uma vida significativa, inclusive no ambiente escolar. Essa abordagem rompe com uma lógica de intervenção baseada apenas em déficits e limitações, estimulando práticas que promovam o florescimento humano desde a infância.

Segundo Seligman (2004), a experiência de emoções positivas amplia os repertórios cognitivos e comportamentais e constrói recursos pessoais duradouros. Estados emocionais como alegria, esperança, gratidão e amor estão associados ao aumento da criatividade, da capacidade de resolução de problemas e da autorregulação. Quando a criança é incentivada a perceber suas forças, valorizar suas conquistas e

acreditar em sua capacidade de aprender, ela se fortalece emocionalmente e se torna mais autônoma em seu processo educativo. Essa percepção de si mesma impacta diretamente na sua autoestima e disposição para enfrentar os desafios escolares.

Na prática pedagógica, essas ideias podem ser aplicadas com estratégias simples e intencionais. Em sala de aula, frases como “Você está melhorando a cada dia”, “Sua mente é forte e inteligente” ou é normal errar, o importante é tentar de novo” têm efeito direto na forma como a criança se percebe. João Borba (2020), ao aplicar a psicologia positiva na infância, afirma que o educador pode ser um cultivador de emoções saudáveis quando assume um papel ativo na criação de experiências positivas. Essa atitude ativa do professor pode transformar a rotina da sala de aula em uma vivência mais acolhedora e significativa.

Além disso, é importante considerar que a repetição dessas mensagens construtivas ao longo do tempo contribui para a formação de um novo padrão mental nos alunos. Quando o discurso do educador é orientado por encorajamento, empatia e reconhecimento, ele se torna um catalisador de mudanças internas nos estudantes. Assim, a linguagem utilizada pelo professor não apenas instrui, mas também edifica a identidade emocional da criança.

Por fim, a psicologia positiva reforça que a escola deve ser um espaço onde as emoções não sejam ignoradas, mas compreendidas e integradas ao processo educativo. O desenvolvimento de virtudes como a resiliência, o otimismo e a perseverança pode e deve ser incentivado no ambiente escolar, pois são recursos internos fundamentais para o enfrentamento de dificuldades futuras. A atuação intencional do educador nesse processo amplia o papel da escola como formadora de indivíduos emocionalmente saudáveis e socialmente conscientes.

7 A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR NA AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL DA CRIANÇA

O ambiente em que a criança está inserida tem impacto direto sobre seu comportamento, concentração e capacidade de autorregulação. Muito além da estrutura física, o campo emocional da sala de aula é construído pela energia dos adultos presentes, pelas palavras ditas (ou não ditas), pelos sons, ritmos e pela forma como os conflitos são acolhidos. O clima relacional da escola, portanto, exerce influência sobre o sistema nervoso das crianças, podendo favorecer ou dificultar os processos de aprendizagem.

Ambientes ruidosos, desorganizados e agressivos tendem a gerar mais agitação, impulsividade e desatenção. Por outro lado, quando o espaço é organizado com afeto, estrutura e segurança emocional, o cérebro da criança responde com mais equilíbrio. De acordo com Goleman (2001), o estado emocional interfere diretamente na capacidade de atenção e memória de trabalho, componentes essenciais para o aprendizado eficiente e a autorregulação comportamental.

Algumas práticas terapêuticas já aplicadas em sala de aula, mesmo que de forma simples e sem recursos financeiros, têm mostrado efeitos positivos. Colocar uma música suave ao iniciar o dia, manter frases de incentivo no quadro, organizar um cantinho do acolhimento ou conduzir uma breve respiração guiada são estratégias acessíveis que ajudam as crianças a retomarem o foco e a serenidade após momentos de agitação. Esses recursos sensoriais e simbólicos ativam zonas do cérebro responsáveis pela autorregulação emocional, conforme indicam estudos sobre neuroeducação.

Zakhê (2018) reforça que o educador é responsável por criar um campo de presença capaz de influenciar o equilíbrio psíquico da criança. Isso significa que o estado interno do professor, sua intencionalidade e a forma como se posiciona frente às emoções dos alunos, atuam como modelo de regulação emocional para a turma. O simples ato de manter a calma diante de uma crise comportamental pode refletir positivamente na maneira como a criança aprende a lidar com suas próprias emoções.

Já Alves (2003) defende que a escola deveria ser um espaço de encantamento, onde o acolhimento não seja exceção, mas regra. Essa perspectiva valoriza a criação de um ambiente sensível, poético e vivo, capaz de despertar nas crianças o desejo de permanecer e de aprender. Tais ideias convergem com as propostas da educação terapêutica, que compreende a escola como um território de cura simbólica e de reestruturação emocional.

Mesmo campos menos tradicionais, como a física quântica, vêm sendo utilizados como metáforas para explicar como os campos energéticos presentes nos ambientes influenciam o comportamento humano. Bertinatto (2021) sugere que a intenção emocional do educador, combinada com sua presença, pode alterar a vibração da sala e influenciar positivamente os estados emocionais dos estudantes. Ainda que tais afirmações careçam de respaldo empírico robusto no campo educacional, elas oferecem reflexões sobre o poder da presença e da intenção na mediação pedagógica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho reafirmam que a educação terapêutica não surge como substituta de métodos pedagógicos tradicionais, mas como uma ampliação significativa da função formativa da escola. Ao integrar os saberes da neuroeducação, da psicologia positiva e das práticas integrativas, essa abordagem reposiciona o educador como uma presença ativa no desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, atuando não apenas como transmissor de conhecimento, mas como presença que transforma.

Promover um ambiente seguro, no qual a escuta seja qualificada, a palavra carregue intencionalidade afetiva e os rituais cotidianos sirvam como instrumentos de autorregulação, torna-se condição indispensável para uma aprendizagem com significado. Quando a criança se percebe acolhida,

vista e respeitada em sua totalidade, sua relação com o aprender muda: o vínculo se fortalece, a confiança floresce e o processo educativo ganha profundidade.

Em tempos marcados por múltiplas fragilidades emocionais, a educação terapêutica apresenta-se como um caminho necessário à reinvenção da escola como espaço de cuidado. Mais do que um local de transmissão de saberes, a escola é convocada a ser território de escuta, afeto e presença sensível. Educar, nesse contexto, é um ato ético e afetivo. Conclui-se, assim, que é plenamente possível ensinar conteúdos e, simultaneamente, cultivar almas. Ser professor, nessa perspectiva, é também ser presença que ampara, palavra que cura e gesto que transforma vidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: Papirus, 2003.
- BERTINATTO, Cândido. Física quântica aplicada ao Método Alma-Soma. São Paulo: F3V, 2021.
- BORBA, João Alexandre. Educar para o bem-estar: psicologia positiva aplicada à infância. Petrópolis: Vozes, 2020.
- DUARTE, Newton. Crítica à aprendizagem “significativa”. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARTELLI, José Carlos et al. Metodologia da pesquisa: um caminho para a ciência. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2020.
- SELIGMAN, Martin E. P. Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- SOUSA, Rubens; OLIVEIRA, Ana Paula; ALVES, Daniela. Metodologia da pesquisa científica: fundamentos e práticas. São Paulo: Atlas, 2021.
- SOUSA, Rubens Barbosa de. Neuroeducação: o cérebro na sala de aula. São Paulo: Wak Editora, 2013.
- ZAKHÊ, Cristiane. A pedagogia da presença: o educador como agente de transformação. São Paulo: Paulinas, 2018.